



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

VIVENCIA FEMINISTA: ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E CONSTRUÇÃO DE CIDADANIA

FRANCIELE JACQUELINE GAZOLA DA SILVA

EIXO: 22. EDUCAÇÃO E PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Resumo: Este artigo busca apresentar uma das experiências propiciadas pelo Coletivo de Mulheres de Aracaju, a vivência feminista. Desde 2012 o grupo fomenta ações voltadas à igualdade de gênero, dentre as quais cine-debates, cursos, oficinas e atos, realizados em espaços públicos, escolas e universidades. Em 2015, realizou a 1ª Vivência Feminista, e a 2ª edição ocorreu em junho de 2016. Entendemos que a vivência é um espaço de trocas e aprendizado particularmente significativo, e a sistematização da experiência visa elencar os aspectos positivos e os desafios dos métodos utilizados, buscando compreender seu papel no processo de construção de valores de igualdade de gênero e afirmação dos direitos das mulheres. Palavras-chaves: educação informal; vivência; igualdade de gênero. Summary: This article seeks to present one of the experiences offered by the Collective of Women Aracaju, the feminist experience. Since 2012 the group promotes actions aimed at gender equality, among which movies, courses, workshops and acts performed in public spaces, schools and universities. In 2015, the group held the 1st Feminist Experience, and the 2nd edition took place in June 2016. We believe that the experience is an exchange space and learning particularly significant, and the systematization of the experience aims to list the positives and challenges of the methods used, seeking to understand their role in the process of building gender equality values and affirmation of women's rights. Keywords: informal education; experience; gender equality

VIVÊNCIA FEMINISTA: ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E CONSTRUÇÃO DE CIDADANIA Franciele Jacqueline Gazola da Silva[i] Eixo Temático: 10- Educação e Pesquisa em Espaços não formais. Resumo: Este artigo busca apresentar uma das experiências propiciadas pelo

Coletivo de Mulheres de Aracaju, a vivência feminista. Desde 2012 o grupo fomenta ações voltadas à igualdade de gênero, dentre as quais cine-debates, cursos, oficinas e atos, realizados em espaços públicos, escolas e universidades. Em 2015, realizou a 1ª Vivência Feminista, e a 2ª edição ocorreu em junho de 2016. Entendemos que a vivência é um espaço de trocas e aprendizado particularmente significativo, e a sistematização da experiência visa elencar os aspectos positivos e os desafios dos métodos utilizados, buscando compreender seu papel no processo de construção de valores de igualdade de gênero e afirmação dos direitos das mulheres. Palavras-chaves: educação informal; vivência; igualdade de gênero. Summary: This article seeks to present one of the experiences offered by the Collective of Women Aracaju, the feminist experience. Since 2012 the group promotes actions aimed at gender equality, among which movies, courses, workshops and acts performed in public spaces, schools and universities. In 2015, the group held the 1st Feminist Experience, and the 2nd edition took place in June 2016. We believe that the experience is an exchange space and learning particularly significant, and the systematization of the experience aims to list the positives and challenges of the methods used, seeking to understand their role in the process of building gender equality values and affirmation of women's rights. Keywords: informal education; experience; gender equality

VIVÊNCIA FEMINISTA: UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E FORTALECIMENTO DE DIREITOS O movimento feminista tem logrado crescente destaque quando se trata de pautar a sociedade. Paradoxalmente, tamanha notoriedade explicita temas recorrentes na luta das mulheres por igualdade, reelaborados e ressignificados na interação de gerações. Debates que envolvem a igualdade entre os gêneros e superação de práticas sociais machistas e violentas estão na ordem do dia e agora também ocupam novas arenas, como as redes sociais. Na internet, a viralização de campanhas (#hashtags) - #meuprimeroassedio, #meuamigosecreto, #agoraequeseoelas, #porquesoufeminista - expressam a identificação das mulheres com pautas libertárias, e a politização do privado (ironicamente nos espaços mais públicos, as redes sociais). Tais campanhas contribuíram para o crescimento de 354,5% das buscas pelo termo "empoderamento feminino" na internet entre janeiro/14 e outubro/15, de acordo com o site *Think Olga*, que anunciou 2015 como o "ano do feminismo na internet". Essa "viralização" das pautas feministas ganhou visibilidade também quando a mídia, no final de 2015, anunciou o ano passado como o ano da *Primavera Feminista*, após o crescimento de manifestações de mulheres em várias cidades brasileiras em defesa da manutenção de direitos, envolvendo mais de 150.000 pessoas só em São Paulo - fato evidenciado em capas das principais revistas de circulação nacional (*Istoé*, *Época* e *Elle*), que repercutiu também em programas de televisão - Jô Soares, Profissão Repórter e outros (abordando ativismo na internet, ameaças de morte, violência). Apesar de os temas que adquiriram visibilidade serem questões sociais de longa data - com destaque para a violência contra as mulheres - a novidade é a legitimação social do feminismo no último período. Este

crescimento é visível também na cidade de Aracaju. Em Aracaju, desde 2012, ano da 1ª edição da *Marcha das Vadias* na cidade, organiza-se o Coletivo de Mulheres de Aracaju. O grupo fomenta ações voltadas à igualdade de gênero, dentre as quais cine-debates, cursos, oficinas e atos, realizados em espaços públicos, escolas e universidades. Em 2015, realizou a 1ª Vivência Feminista, e a 2ª edição ocorreu em junho de 2016. A vivência configura-se como um espaço de trocas e aprendizado particularmente significativo. A sistematização da experiência sistematizar os aspectos positivos e os desafios dos métodos utilizados, buscando compreender seu papel no processo de construção de valores de igualdade de gênero e afirmação dos direitos das mulheres, sob a ótica da educação não-formal e da pedagogia social. Para obtermos parâmetros de avaliação da Vivência Feminista, o Coletivo criou uma ficha de inscrição para as interessadas, que era condição para participação. E, após a 2ª Vivência, criou também uma ficha de avaliação, esta a ser respondida voluntariamente. Na ficha de inscrição, a participante informava dados como idade, escolaridade, forma como conheceu o coletivo, o que entendia por feminismo, se tem filhos ou não, expectativas em relação à vivência etc. Assim, tínhamos um perfil do público do espaço e um panorama das expectativas. Em relação à avaliação, tratou-se de criar um instrumento que permita conhecer as lacunas e aspectos positivos da ação, de forma a contribuir na construção dos próximos espaços e metodologias. No artigo, apresentamos alguns dos elementos que consideramos relevantes para as reflexões aqui realizadas. Libâneo (2001) destaca a ampliação do conceito de educação e a diversificação das atividades educativas como um dos fenômenos mais significativos dos processos sociais contemporâneos. O autor destaca que, por consequência, verifica-se uma diversificação da ação pedagógica na sociedade. Assim amplia-se a produção e disseminação de saberes e modos de ação mediante, inclusive, a modalidade de ação não-formal. E resgata a expressão de Beillerot, de que estamos diante de uma sociedade "genuinamente pedagógica". Entendemos a ação do Coletivo de Mulheres de Aracaju como uma ação pedagógica não-formal. Gohn (2006), utiliza o termo "educação não-formal" para designar

(...) um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. Buscando delimitar este conceito, entendido por ela como um dos núcleos básicos de uma Pedagogia Social, a autora aponta a educação não-formal como "aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos", já que na

educação não-formal o agente educador é aquele com quem interagimos ou nos integramos. Na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, em locais informais nos quais há processos interativos intencionais, sendo a intencionalidade um elemento importante de diferenciação. No caso das Vivências Feministas, estas ocorreram como eventos abertos, divulgados na página do coletivo em rede social (facebook), que disponibilizava um link de inscrição. Considerando as duas vivências, o público foi de 68 mulheres, sendo que muitas não tinham participação prévia em espaços feministas, e outras não conheciam nenhuma participante, mas vieram a partir de demandas subjetivas, que tornaram o espaço significativo e atrativo para as participantes. Gohn (2006) destaca que o espaço não-formal de educação caracteriza-se pela constituição de ambientes propiciadores de situações interativas, construídos coletivamente segundo diretrizes do grupo, com participação voluntária, fomentada por certas circunstâncias da vivência histórica de cada indivíduo. Identificamos tais características na construção do espaço da vivência, cuja programação foi construída em reuniões auto-organizadas do Coletivo de Mulheres, e cuja adesão ocorreu de forma voluntária, a partir da identificação das mulheres com a pauta de luta por direitos. A educação não-formal situa-se no campo da Pedagogia Social, por ter como objeto os processos de construção de aprendizagens e saberes coletivos, e buscam explicitar as dinâmicas sociais, gerando um processo educativo que fortalece o exercício da cidadania. É explícita a intencionalidade da ação educativa, da participação e troca de saberes. Isto porque a educação é resultado das necessidades e interesses das participantes do grupo, tendo como meta a formação política e sócio-cultural ou, nas palavras de Gohn "Ela prepara os cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc." Outro aspecto é que justamente por coincidir com necessidades e demandas dos participantes dos grupos, ela atua também sobre aspectos subjetivos do grupo, trabalha e forma a cultura política de um grupo e desenvolve laços de pertencimento. No caso da vivência feminista, as duas edições ocorreram em lugares isolados, durante um final de semana de "imersão" nas pautas e nas relações, o que entendemos como parte de uma metodologia, pautada em dinâmicas de grupo e focada em trocas de experiências e leituras compartilhadas, que teve grande impacto nas participantes da ação. Ilustram a mobilização subjetiva das participantes alguns depoimentos postados no grupo formalizado após a vivência, tais como *"sem palavras pra expressar o que meu coração tá sentindo e minha cabeça refletindo"* e, por parte de outra participante *"agradecida pela experiência trocada, cada lágrima, sorriso, abraço e aprendizado. Saí com a certeza de que eu e minha filha temos nosso espaço, e é aonde queremos e não onde nos impõe essa sociedade. Incrível como cada história particular quando compartilhada nos*

desconstrói e/ou (re) constrói em vários aspectos. Muito feliz pelo acolhimento! Quero mais!!" Gohn aponta como um dos destaques da educação não formal na atualidade o fato dela ajudar na construção da identidade coletiva do grupo, podendo colaborar para o desenvolvimento da auto-estima e do empowerment do grupo - o que alguns chamam de capital social do grupo, como cita a autora. Justamente a partir do critério da solidariedade e identificação de interesses comuns como parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo. Pensando a construção da identidade coletiva do grupo, e identificação de interesses comuns, a partir das fichas de inscrição da Vivência encontramos que o perfil das mulheres inscritas foi bastante diversificado: majoritariamente não branco, pertencentes a classe trabalhadora (empregadas no telemarketing e trabalho informal, desempregadas, trabalhadoras formais), jovens mães, mulheres trans, universitárias, secundaristas, negras, periféricas. Tais dados nos levam a crer que as composições do feminismo atual são plurais, não estáticas. Como elementos que fomentaram a participação das mulheres inscritas na Vivência citaram inquietações de ordem individual, como assédios outras formas de violência de gênero. Tais experiências foram sendo ressignificadas ao longo da Vivência, e a troca foi fundamental neste processo, analisado também por Birolli (2013), que valoriza a experiência como elemento de mobilização de conceitos e ressignificação subjetiva. A Construção da identidade coletiva do grupo, entendida como objetivo da educação não-formal, foi sendo fomentada a partir dos espaços de troca de experiências: nestes espaços, novas e antigas integrantes do grupo, que vieram de diferentes localidades e com trajetórias diferentes valorizam as diferenças como possibilidade de síntese. Como relata uma participante "(...) *mulheres que se reconhecem, mulheres que se respeitam, mulheres que se representam. Hoje sinto um bem danado, e sabem por que, porque estive com vocês. Me descobrir, me assumir mais ainda, minhas convicções se expandiram, e devo a cada uma que ouvi, palavras me faltam para manifestar toda a minha experiência junto a essa vivencia. Gratidão, gratidão é o meu sentimento*". Na ficha de inscrição, quando questionada sobre as motivações para participar do Coletivo de Mulheres, aparecem termos como "coletivo plural", "somar", "empoderamento", "auto-organização", "acolhida" e "abertura de diálogo para recentes e veteranas". Uma das respostas é ilustrativa desses termos "A identificação com as pautas defendidas por esta organização, pela receptividade e bom acolhimento proporcionado pelo grupo, pela característica apartidária e auto-organização, transparência nas ações desenvolvidas, abertura de diálogo para recentes e veteranas, e pela necessidade individual de participar das lutas e debates que ajudam a promover melhorias nas políticas públicas para as mulheres." O objeto da educação não-formal, de construção de cidadania, coincide aqui com o objetivo explicitado pelas participantes, que buscam transformações em suas

próprias vidas e na de outras mulheres. As diferentes motivações partem de um núcleo comum, compartilhamento de vivências e reconhecimento de diferenças entre as mulheres, que possibilita a identificação destas com o Coletivo de Mulheres de Aracaju, o que fica explícito na expressão “identificação”, presente em quatro respostas. “Acolhimento”, “soma”, “diálogo” são outros termos que remetem à construção de uma organização pautada por transversalidades, configurada no campo feminista como feminismo interseccional. Esse feminismo, que toma a educação não-formal como ferramenta e como método, busca apreender essas diferenças para fortalecer as lutas contra a produção de desigualdades, trabalhando a partir do reconhecimento de vozes subalternas do feminismo (CRENSHAW, 1989). Assim, trajetórias, raça, etnia, classe, orientação sexual, identidade de gênero são elementos combinados nas lutas contra o machismo. Tanto que, ao completar a frase da inscrição “O nosso feminismo é...” muitas das respostas utilizaram o termo “*interseccional*” o que revela um termo que configura sentido para as participantes e alude à diversidade em que se constitui o diálogo. **Em busca de conclusões** O propósito do artigo foi sistematizar a experiência da Vivência Feminista como metodologia de educação não-formal, utilizando os conceitos de educação não formal para compreender este espaço de troca e aprendizagem que tem tido importância particular dentre as atividades construídas pelo Coletivo de Mulheres de Aracaju. Percebemos que o crescimento do feminismo, num contexto de acirramento de desigualdades sociais e avanço do conservadorismo, é um fenômeno global. Porém, entendemos que em cada movimento constroem-se particularidades, a partir da realidade local. Buscamos apresentar como os processos de apropriação dos conceitos relacionados à igualdade de gênero se constroem no espaço da Vivência, construído a partir de espaços que valorizam a troca de experiências individuais, as falas das participantes e, também, o saber sistematizado relacionado a estas questões. Através da participação nas vivências e de respostas apresentadas por mulheres do Coletivo, pudemos perceber o potencial deste espaço como espaço de educação não-formal e de construção de cidadania. De acordo com Gohn, a educação não-formal poderá desenvolver, como resultados, uma série de processos tais como: consciência e organização de como agir em grupos coletivos; construção e reconstrução de concepção (s) de mundo e sobre o mundo; contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade; forma o indivíduo para a vida e suas adversidades; resgata o sentimento de valorização de si próprio e dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de autovalorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para de ser reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais etc.); os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca.

Acreditamos que a Vivência é um espaço não-formal privilegiado quando se toma como referencia tais resultados, a partir do próprio depoimento das participantes, bem como de sua inserção posterior nas atividades organizativas do Coletivo de Mulheres. Acreditamos também que há outros aspectos a serem aprofundados, tais como a sistematização de metodologias, construção de instrumentos de análise, indicadores, etc. **Referências** BIROLI, Flávia. Autonomia, opressão e identidades: a resignificação da experiência na teoria política feminista. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 81-105, maio 2013. ISSN 0104-026X.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100005>>.

Acesso em: 05 jul. 2016. CRENSHAW, Kimberlé W. **Demarginalizing the intersection of race and sex:** a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. University of Chicago Legal Forum, 1989, pp. 139-67. GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social.** In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, . **Proceedings online...** Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn>. Acess on: 05 July. 2016. LIBANEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 17, p. 153-176, June 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602001000100012&lng=en&nrm=iso>. access on 05 July 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.226>.

proceedings.scielo.br

/scielo.php

?

script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn>. Acess on: 05 July. 2016. LIBANEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 17, p. 153-176, June 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602001000100012&lng=en&nrm=iso>. access on 05 July 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.226>.

scielo.br

/scielo.php

?

script=sci_arttext&pid=S0104-40602001000100012&lng=en&nrm=iso>. access on 05 July 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.226>.

* Mestre em Educação pela Universidade Católica de Santos. Tutora EAD no CESAD/UFS.

Referências BIROLI, Flávia. Autonomia, opressão e identidades: a resignificação da experiência na teoria política feminista. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 81-105, maio 2013. ISSN 0104-026X.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100005>>.

Acesso em: 05 jul. 2016. CRENSHAW, Kimberlé W. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. University of Chicago Legal Forum, 1989, pp. 139-67. GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, . **Proceedings online...** Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn>. Acess on: 05 July. 2016. LIBANEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 17, p. 153-176, June 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602001000100012&lng=en&nrm=iso>. access on 05 July 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.226>.

www.

proceedings.scielo.br

/scielo.php

?

script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn>. Acess on: 05 July. 2016. LIBANEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 17, p. 153-176, June 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602001000100012&lng=en&nrm=iso>. access on 05 July 2016.

www.

scielo.br

/scielo.php

?

script=sci_arttext&pid=S0104-40602001000100012&lng=en&nrm=iso>. access on 05 July 2016.

[http://](http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.226)

dx.doi.org/10.1590/0104-4060.226.

* Mestre em Educação pela Universidade Católica de Santos. Tutora EAD no CESAD/UFS.

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: